

ARTIGOS

POR UMA ESQUERDA MODERNA

MIKI BREIER
Prefeito de Cachoeirinha
mikiBREIER@hotmail.com



“É fundamental a mudança de cultura. O Estado existe para servir à sociedade, e não para ser servido por ela.” As palavras extraídas do ideário de Eduardo Campos nunca foram tão atuais. O ex-governador de Pernambuco foi um dos políticos mais promissores do país. Deixou um reconhecido legado que vai além do campo administrativo. Passados cinco anos de sua morte, é notória a necessidade de sua vertente política – calcada no diálogo e no bom senso – perdurar.

Hoje, vivemos um momento político de extrema polarização. Acabamos por assistir a parte da esquerda sucumbir ao patrimonialismo, ao fisiologismo e à corrupção. E, mais, sectarizar o debate político, fragmentar-se e ver sua credibilidade ser, pouco a pouco, corroída. Temos agora a oportunidade única de dar sequência à linha de Campos. Há

espaços para o fortalecimento de uma nova, moderna e conectada esquerda – preocupada verdadeiramente com o cidadão.

É obrigação estarmos sintonizados com os recados que as urnas deram ao país. O principal deles está nas mudanças estruturantes. Posso, particularmente, discordar de vários pontos dos

É obrigação estarmos sintonizados com os recados que as urnas deram ao país

projetos de reformas apresentadas pelo governo. Entretanto, não posso virar as costas para as necessidades apontadas pela maioria da população. As terceirizações e a diminuição da máquina pública, por exem-

plo, também estão no cerne do debate político.

O Estado não deve voltar-se para si. Deve, sim, concentrar-se nas pautas essenciais à vida dos brasileiros. É por essa razão que a esquerda deve fazer a autocrítica, olhar para o espelho e vislumbrar um recomeço com maturidade e responsabilidade. Todos precisamos de humildade para reconhecer que o Estado pesado causa letargia e prejudica o cidadão comum, que espera por melhores serviços.

A esquerda, portanto, deve corrigir rumos, reinventar-se e patrocinar uma agenda de compromisso e decência para com o bem-estar social. Esse, aliás, é um desafio para todos. E um dos caminhos de sustentação da nova esquerda está, definitivamente, na linha ponderada e equilibrada de Eduardo Campos. Que sua memória nos inspire.

ARTE E HUMILDADE PARA TODOS

CELSO GUTFREIND
Psicanalista e escritor
celso.gut@terra.com.br



O bebê humano é o mais vulnerável do reino animal. Sua dependência costuma ser mais longa do que a das outras espécies. Fisicamente, há repercussões, como o longo tempo de amadurecimento de seu organismo. Emocionalmente, também, como a utilização de defesas psíquicas, tal qual a onipotência.

Crianças pequenas imaginam-se plenas de poderes. Eis a forma principal de se defenderem da realidade de um enorme desamparo. Elas dependem da atenção e do carinho de seus cuidadores para sobreviver. A onipotência, portanto, concede algum alívio para a tristeza e a angústia ligada a isso. Depois, ou durante, contamos histórias. Uma que contam de nosso grande escritor relata que João Guimarães Rosa era onipotente no exercício da medicina. Ele não

aceitava a morte de um paciente e, certa vez, precisou ser consolado pela família do homem que morreu.

Essa pode ser uma das causas de ele ter abandonado a medicina e se mantido escritor até o final. A arte é a casa da onipotência sadia e, para psicanalistas

Ao privar uma criança de brincar, estamos impedindo que ela possa sentir que precisa do outro

listas dedicados à matéria, ela é a única forma de reduzir a onipotência ao longo da vida. Inclui-se, aqui, a arte de brincar, quando as crianças imaginam que são super-heróis ou

são adultas e, assim, amenizam o mal-estar de se sentirem pequenas, frágeis, desprovidas de qualquer heroísmo. Aqui está um dos efeitos mais nefastos do trabalho infantil. Ao privar uma criança de brincar, estamos impedindo que ela se liberte da onipotência e possa, realmente, sentir que precisa do outro para o seu amor e o seu trabalho.

Vale o mesmo para sermos privados da arte. Sem ela, não podemos lidar com a vida difícil e seus ofícios, de acordo com o poeta. Nem abrir mão de uma sensação enganosa de poderes tudo, de acordo com o psicanalista. Sem arte, não há salvação, e ela vem sendo considerada, por grande parte dos pensadores, a única cura possível para os nossos males. Isso vale para todos nós, desde o mais humilde cidadão aos mais altos cargos de nosso governo.

Opinião online



Lucas da Cunha Zamberlan, doutor em Estudos Literários: “Lord Baccarat, livro de Alcy Cheuiche, será lançado em nova edição, atualizada pelo escritor”.

GAUCHAZH

Leia o artigo em
bit.ly/gzhzamberlan

Artigos devem ter até 2.000 caracteres. Os textos assinados não representam a opinião do Grupo RBS.
bit.ly/opiniaogauchazh artigozh@zerohora.com.br [@opiniaozh](https://www.facebook.com/opiniaozh)

EM DIA

A CAIXA-PRETA E A BANDEIRA BRANCA

PEDRO DUTRA FONSECA
Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br



Vence nos próximos dias a tarefa delegada ao presidente do BNDES de abrir a “caixa-preta” do banco. Há enorme expectativa, pois este possui cerca de R\$ 110 bilhões em ações de empresas e chegou a emprestar mais de R\$ 150 bilhões por ano. Eventuais falhas não diminuam sua importância para a retomada do crescimento. É instituição de porte sem similar ao sul do Equador e invejada mundo afora. Joaquim Levy, seu antecessor, apesar de louvado pelo mercado, foi destituído do cargo pelo jornal. Afirmou que não encontrara caixa-preta alguma. Pode ter razão, pois o banco é objeto de auditorias e controles e conta com setor jurídico experiente para resguardar contratos e decisões.

Em todo caso, a tarefa tem mérito em si: nada exige mais transparência do que o uso e o destino do dinheiro público.

E, além da questão legal, há a ética. Franca-mente: o BNDES não foi criado para financiar jatinhos a executivos nervosos com aviões de linha. Se erros forem constatados, é preciso reforçar os controles e ir além da exploração política (esta é inevitável), para que não se restrinja a mero episódio. O mal das devassas é que, na maioria das vezes, esgotam-se em si mesmas: desvendam o passado, mas não impedem a repetição dos desvios no futuro. Assim, tornam-se inocuas na prática e são desmoralizadas como revanchismo político.

Indo além, sabe-se que a alocação privada de recursos públicos não é peculiaridade do BNDES. Como moralismo pela metade é imoralidade, o ministro Guedes teria que olhar para sua própria casa e abrir a “caixa-preta” do Ministério da Economia. Diante de cortes drásticos em educação, ciência e tecnologia, saúde e defesa, como manter desonerações, renúncias fiscais e subsídios concedidos nos últimos anos (as famosas “bolsas-empresário”), que só em 2017 teriam chegado a R\$ 400 bilhões, conforme dados do próprio governo? Como se vê, só hospitais, universidades, caserna e cientistas pagam a conta, pois para outros fecham-se os olhos.

É preciso ter consciência de que financiamentos e subsídios não são atos ilegais nem heresias econômicas. Embora usuais no mundo inteiro, aqui, por serem envoltos em mistério, lembram falcatruas. Aconselhável para se chegar à paz da bandeira branca seria tratá-los com máxima publicidade. Enquanto forem sigilosos, a suspeição é inevitável.

Nada exige mais transparência do que o uso e o destino do dinheiro público

Pedro Dutra Fonseca escreve às quintas-feiras, a cada 15 dias.
Amanhã: **Igor Oliveira**, consultor empresarial.